

## O IMPACTO DO PROJETO LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE CONTOS EM ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL- ANOS FINAIS DA REDE PÚBLICA.

Adrielle Andrade Lima da Silveira<sup>1</sup>  
Maria Eduarda Silva de Oliveira<sup>2</sup>  
Maria Izabella Cabral Lupicinio da Silva<sup>3</sup>  
José Jacinto dos Santos Filho<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente artigo descreve sobre o Projeto de Leitura e Interpretação de Contos- ProLic, desenvolvido com a turma do 6º ano do Ensino Fundamental-Anos Finais, oportunizado por residentes de Língua Portuguesa (bolsistas no Programa Residência Pedagógica, ofertado pela agência do governo, CAPES. Visando o aperfeiçoamento das práticas de ensino, por meio da imersão dos licenciandos na educação básica.) O principal intuito é refletir acerca do impacto positivo deste Projeto em cada sujeito envolvido e da importância de fornecer a eles um espaço de protagonismo, referente a relação direta com o objeto de estudo, o próprio texto. Respalda-nos na seqüência básica proposta por Rildo Cosson (2016), construímos uma oficina realizada em quatro semanas, trabalhando gênero conto de forma interativa, onde as habilidades interpretativas se consolidavam gradativamente durante as aplicações das estratégias de leitura. Desta forma, métodos lúdicos e interativos possuíram papel fundamental na conquistas de resultados e produções relevantes.

**Palavras-chave:** Leitura e Interpretação; Ensino-aprendizagem; Língua Portuguesa.

### INTRODUÇÃO

Nossa observação durante um período significativo dentro da Escola Agamenon Magalhães nos deu a confirmação sobre uma prática de leitura e interpretação ineficiente, esporádica e superficial. Os alunos, desse modo, nutriam dificuldades a respeito da análise em qualquer gênero textual e viam-se sempre a mercê de um vocabulário limitado, oriundo dos raros momentos em contato com os livros. Fomos notando que a realidade a qual presenciamos não seria reflexo de uma falta de interesse dos estudantes em ler, mas falta de

<sup>1</sup> Graduando pelo Curso de Letras- Inglês da Universidade de Pernambuco - UPE, [adrieleals@hotmail.com](mailto:adrieleals@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduando pelo curso do Curso de Letras-Inglês da Universidade de Pernambuco - UPE, [mariaeduardasilva.oliveira1998@gmail.com](mailto:mariaeduardasilva.oliveira1998@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando pelo Curso de Letras-Inglês da Universidade de Pernambuco - UPE, [izabellacabral47580@outlook.com](mailto:izabellacabral47580@outlook.com).

<sup>4</sup> Professor orientador: Doutor, Universidade de Pernambuco, [jacintodossantos@gmail.com](mailto:jacintodossantos@gmail.com).

estímulo por parte de quem (não) oferecia suporte e material adequado. A sala de aula deve ser uma das janelas que possibilitam uma visão ampla sobre cultura, sociedade, coletividade, interpretação, inferência e diálogo. Entretanto, se nem onde passam quase a maior parte do seu tempo dá a eles essa oportunidade, fora da instituição muito menos. Logo, desejam-se bons falantes, bons ouvintes, bons leitores e bons críticos, professores deveriam estimulá-los a pensar dessa forma e, sobretudo, agir em prol de um bem próprio e coletivo: a adequada interpretação. Nessa direção, o gênero conto foi escolhido, principalmente, pela faixa etária do público alvo, 11\12 anos e por os materiais didáticos oferecem trechos de contos variados, solicitando exercícios, geralmente, bastante similares entre si. Nada muito além de um conceito estrutural e elementos externos do texto.

Diante de três concepções de leitura desvendadas por Villaça Koch, ele destaca que:

A concepção foco na interação autor texto leitor é a melhor, pois é uma leitura ativa, crítica contextualizada, o sujeito é ativo, o autor constrói o texto, o texto é um instrumento de interação com o autor e leitor. O leitor é responsável pela interpretação do texto. Nesta concepção o texto não é um código, e sim interpretações de sentidos. (KOCH, 2002, p.12)

O impacto da leitura de um conto em meninos e meninas no 6<sup>a</sup> ano deveria ser imensurável, exatamente, por ser tão particular e não apenas parte de um sistema de decodificação comum a todos. Logo, o sujeito o qual tentamos aprimorar e\ou construir com este Projeto é ativo e responsável pela sua própria leitura, sendo capaz de não somente compreender seu objeto de estudo\análise, mas de interpretá-lo, reconhecê-lo como instrumento relevante na sua formação cidadã e posicionamento em qualquer contexto no qual pertencer. Alguns obstáculos são maiores que outros em determinadas situações, por exemplo, na rede pública de ensino, onde a demanda sobressai a oferta e o planejamento proposto quase nunca é executado, tendo que ser modificado inúmeras vezes até que se adeque ao que é possível. O ambiente físico de estudo é inapropriado, os recursos para uma promoção mínima de aulas interativas, escasso. Assim, as metodologias regridem e os alunos também.

O intuito maior do presente artigo, é relatar as estratégias mais recorrentes realizadas com alunos do 6<sup>a</sup> ano que auxiliam no processo de decodificação dos textos e como nós residentes construímos essa oficina a qual serviu de ponte entre aluno-texto-autor.

Percebeu-se a importância de inserir novas propostas metodológicas no universo de leitura desses adolescentes, apresentando o texto na íntegra e dando subsídios aos alunos para que estes leiam ao passo que consigam também interpretá-lo, motivando-os a ampliar o horizonte das linguagens e serem protagonistas dentro da instituição escolar. Tentamos ajudá-los nessa aquisição de habilidades com o ProLic (Leitura e Interpretação de Contos) relatado e descrito detalhadamente neste artigo.

## **METODOLOGIA**

A realização do ProLic (Projeto de Leitura e Interpretação de Contos) na Escola Agamenon Magalhães, localizada na cidade de Tracunhaém-PE, deu-se por meio das estratégias para leitura e interpretação de textos,- especificamente contos- construídas por nós, residentes de Língua Portuguesa, contemplando-se dentro dos critérios de uma abordagem qualitativa, de natureza explicativa. Nesse sentido, foram esclarecidas, desde o primeiro encontro, quais seriam nossas intenções enquanto contribuintes no processo de formação de assíduos leitores, ou no mínimo, sujeitos interessados em ler, a todos os participantes do 6º ano do ensino fundamental- anos finais.

Apesar dos alunos terem apresentado um produto final na quarta semana de Oficina, o qual consolidou todos os conhecimentos compartilhados, a participação ativa desses estudantes a cada novo momento ofertado sempre foi nossa meta central, o “feedback” foi a resposta que precisávamos para aprimorar, modificar ou repetir métodos favoráveis ao avanço deles. Utilizamos para efetivação da nossa proposta, desde textos impressos, com leituras ora individuais, ora coletivas, voluntariamente, a vídeos apresentados através do datashow. Os ambientes variavam de acordo com nossa pauta do dia, seja na própria sala, biblioteca, ou laboratório de informática. A fim de validar nossa idéia de que bons resultados são a soma de boas escolhas, nem só conteúdo, nem só ambiente ou recurso, mas tudo por um acesso a conhecimento adequado e de qualidade. As etapas de Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação foram formuladas e executadas respectivamente e, na última, solicitamos a leitura de um conto e exposição de algum material que representasse a interpretação do grupo, de maneira criativa e relevante, reafirmando aos envolvidos que o leitor é tão importante para o texto quanto todas as partes que o compõem.

## DESENVOLVIMENTO

Alunos que lêem, mas não conseguem atribuir sentido aos textos são mais comuns do que pensamos, a prática decodificadora ainda vigora nas escolas -principalmente quando estas não têm recursos que sustentem metodologias interativas e flexíveis-, a grande maioria da rede pública. Outro fator bastante comum que inviabiliza uma percepção mais ampla sobre leitura interpretativa é o distanciamento do objeto de estudo com a realidade dos alunos, não conseguindo se identificar com o texto a ponto de relacioná-lo aos elementos internos com fatores do próprio contexto de vida. A obrigatoriedade em realizar as atividades de leitura dada aos estudantes por parte dos professores, desconsiderando métodos de estímulo e motivação e até mesmo a subjetividade presente em cada indivíduo, a qual refletirá nas interpretações também contribui para uma defasagem na predisposição do leitor diante do texto.

Segundo, Cosson (2016), deve-se compreender a leitura dividida em três processos lineares. A primeira é a etapa de antecipação, na qual realizamos o processo antes de imergir ao texto, permitindo ao leitor adotar diferentes posturas ante ao texto. A segunda etapa é a de decifração, compreende-se por ser o contato que se estabelece com o texto, as letras e as palavras, tudo se torna preciso nessa etapa. Quanto maior a familiaridade, melhor se torna o processo de decifração. E por conseguinte, denomina-se, a interpretação, apesar ser colocada como sinônimo de leitura, nessa etapa é veiculado as relações que se estabelecem do leitor, autor e comunidade. Ou seja, as inferências de mundo construindo um sentido.

As estratégias de leitura são elaboradas a medida que o sujeito avança na interpretação, os passos são dados lentamente a fim de encontrar o sentido que eles próprios conseguiram formular.

Bakhtin e Volochinov (1999) destacam que: “As palavras estão carregadas de conteúdo ideológico, elas são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama todas as relações sociais em todos os domínios”. (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 1999, p.41)

O educador e escritor Rubem Alves comenta:

Na vida estamos envolvidos o tempo todo em interpretar. Um amigo diz uma coisa que a gente não entende. A gente diz logo: "O que

é que você quer dizer com isso?” Aí ele diz de uma outra forma, e a gente entende. E a interpretação, todo mundo sabe disso, é aquilo que se deve fazer com os textos que se lê. Para que sejam compreendidos. Razão por que os materiais escolares estão cheios de testes de compreensão. Interpretar é compreender. (ALVES, 2004, p.23)

É importante repensar alguns posicionamentos em sala de aula, enquanto docentes formadores de cidadãos críticos, sujeitos ativos socialmente e indivíduos hábeis a interpretar discursos em variadas situações de comunicação. Para isso, o professor deve promover debates que esclareçam questões implícitas do texto, trazer à tona argumentos pertinentes que o façam olhar sempre o objeto de estudo por um viés novo e mais abrangente.

Nesse sentido, Bettelheim pontua:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (BETTELHEIM, 2010, p.11).

O Projeto LIC, o qual desenvolvemos, trouxe para estes alunos o contato com a linguagem do imaginário, da recriação, do fantástico e uma cultura na qual estão realmente inseridos; quando se sentem pertencentes, automaticamente dão mais voz às ideias, antes reprimidas e cobradas obrigatoriamente como parte de um processo rotineiro e sem nenhuma motivação. Notamos, através dele, uma busca mais acentuada por novas leituras por parte dos alunos participantes das oficinas, além da maior socialização em grupo. Os estudantes se envolveram com os contos, pois sabiam que aquele momento foi pensado para que pudessem ler desobrigadamente, por prazer e identificação com aquilo que escolheram repassar para os demais colegas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diversos fatores consolidam a ineficiência de uma leitura significativa, a forma do trabalho que se é dado com o texto dentro da sala de aula, sem estratégias além das práticas tradicionais, a anulação da importância da leitura para o conhecimento intelectual e pessoal do

aluno, bem como, a falta da prática e incentivo da leitura de textos dentro e fora das salas de aulas. Todo trabalho que envolve a leitura tem que buscar resultados dentro daquilo que está sendo lido. Todo leitor deve se apropriar com precisão daquilo que o texto traz . Por isso, a necessidade educacional de formar leitores críticos, cooperativos, capazes de relacionar seus conhecimentos de mundo e ampliar esse olhar para além. Com afirma Cosson:

“[...] ler depende mais do leitor do que do texto. É o leitor que elabora e testa hipóteses sobre o que está no texto. É ele que cria estratégias para dizer o texto com base naquilo que já sabe sobre o texto e o mundo. [...]” (COSSON, 2006, p. 39)

Sendo assim, ler é um processo de extração dos sentidos que se encontram no texto. É necessário dar aos leitores essa capacidade de se relacionar com o texto e com o outro a sua volta para compreender de fato o que é a leitura. Postulado por Brandão e Micheletti:

O ato de ler é um processo abrangente e complexo: é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra. (BRANDÃO e MICHELETTI, 2002, p.17).

Ao passo que se constitui de forma individual, ao longo passar a ser uma atividade social, as relações que se estabelecem do leitor, autor e comunidade são colocadas nesse processo. Ou seja, as inferências de mundo construindo um sentido que é dado de forma interacional.

Sendo assim, nasceu o projeto de Leitura e Interpretação de Contos, com o objetivo de trabalhar essas esferas de forma menos sistematizada e mais flexível e articulada. Desenvolvido na Escola Agamenon Magalhães, no município de Tracunhaém-PE. A turma participante foi o 6º A do Ensino Fundamental-Anos finais. Respalhada na sequência Básica de Rildo Cosson foram divididas em quatro etapas, sendo: Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação.

A primeira etapa, foi desenvolvida uma atividade lúdica, em grupos os alunos deveriam observar as imagens de diferentes animais e associá-la suas características com as personalidades humanas. Contribui, Santos:

“O lúdico consiste basicamente em satisfazer a criança, trabalhando com o real, o concreto, tocando, deslocando, montando e desmontando. Sua finalidade é o próprio prazer do funcionamento da brincadeira é considerado importantíssimo, pois ajuda no desenvolvimento cognitivo e facilita

aprendizagem e a interação entre os colegas.” (SANTOS, 2012, p.4).

**Figura 1 – oficina de Motivação**



Fonte: Acervo pessoal, 03-06-2019.

Durante a realização dessa atividade, percebia-se que os alunos estavam empolgados e interagiam-se com uma maior facilidade entre si. Em seguida, ocorreu um momento de representação feita através de mímica, deveriam fazer gestos para que os outros grupos adivinhasse o que estava sendo representado. Com isso, observa-se que a ludicidade em sala torna o aprendizado leve e eficaz.

A segunda etapa, intitulada como introdução motivacional, foi o momento de diálogo e apresentação de escritores e obras em detrimento da relevância nos dias atuais, fornecendo informações que estejam ligadas ao texto e levantando hipóteses sobre o seu desenvolvimento. Conheceram mais a fundo o escritor Carlos Drummond e suas (quase) infinitas contribuições como contista, cronista e poeta. E como se conectaria a eles à medida que fornecessem a exploração das suas imaginações. Utilizamos um espaço diferente para o desenvolvimento da atividade, fornecendo ao aluno um espaço além da sala de aula para transmissão e interação de saberes.

**Figura 2 – oficina de Introdução**



Fonte: Acervo pessoal, 10-06-2019.

Ao decorrer da atividade proposta percebemos que se faz necessário explorar outros espaços, sendo esse, um lugar de fruição e liberdade para esses alunos.

A terceira etapa, a leitura, o momento crucial para o desenvolvimento do projeto. Levamos o conto “Os pescadores” de Carlos Drummond, ocorreu a leitura silenciosa e depois em conjunto, foram abordados alguns elementos presentes no texto, que serviram de discussão. Em seguida, fizemos mais uma leitura, na qual eles participaram ativamente, uns fizeram o papel dos personagens e outros o do narrador. E por último, eles foram questionados sobre a leitura realizada. Nesse momento percebemos uma grande empolgação deles em relatar sobre a leitura feita.

**Figura 3 – oficina de Leitura**



A quarta e última etapa, a interpretação, é o momento que buscamos a concretização e materialização da interpretação. É dado um maior aprofundamento a um de seus aspectos, centra em alguma questão e explora esse enfoque. Para essa etapa levamos um outro texto, “O

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

conto da mentira” de Rogério Augusto, escolhemos esse conto por ser didático e possui uma rica interpretação. Realizamos a leitura e uma discussão foi mediada pela temática abordada no texto. Em seguida, foi desenvolvida a atividade final, na qual foram divididos dois grupos que deveriam retratar de forma criativa sua própria interpretação. Foram lidos dados cartazes, lápis, tesouras, revistas, jornais e livros para que ajudassem na sua produção.

**Figura 4 – oficina de Interpretação**



Nosso foco, neste momento, era consolidar tudo o que havíamos construída durante as oficinas a respeito da relação deles com os textos, por meio da arte eles iriam expressar o conhecimento adquirido. Com isso, tornou-se notório que esse trabalho tem que ser reconsiderado. As práticas devem ser repensadas, é necessário aproximar o aluno do texto, colocá-lo em constante questionamento, aguçar a sua imaginação, permitindo assim, torná-lo, um sujeito ativo na construção da interpretação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sentidos expressos em um texto são identificados a partir do momento em que o leitor ativo consegue relacioná-los com seu conhecimento de mundo e as intenções do autor. Há um propósito em todo texto e em toda leitura. Percebemos através desta Oficina que a apresentação e a motivação foram essenciais para eles, muitas vezes, não perceberem que estavam no momento de estudo, resultando em uma produção bastante satisfatória e um projeto rico de experiências e reflexões. Vale ressaltar que existe também uma importância de saber o meio social em que o aluno vive para que a motivação seja consolidada eficazmente. Bakhtin e Volochinov (1999) destacam que: “As palavras estão carregadas de conteúdo

ideológico, elas são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama todas as relações sociais em todos os domínios”.

Notamos que o trabalho com a leitura em sala de aula necessita de um olhar diferenciado, de novas estratégias e o professor como mediador tem o papel de observar a realidade em que a turma está inserida e adaptar suas aulas de acordo com as necessidades, fazendo com que a produção e a essência da leitura aumente de forma qualitativa, foi assim que concluímos nosso projeto levando todos esses mecanismos para a aula com o intuito de mudar a perspectiva das práticas de leituras.

Portanto, ainda que os recursos não colaborem na aplicação de ações lúdicas e motivacionais, é possível realizar um trabalho onde o aluno é o principal sujeito da interação com o texto, não o professor. Este oferece estratégias de leitura, mas não as impõe, deixando a livre interpretação e expressão, introduzindo a importância de um contato com o objeto de estudo, por mais que esse tenha um sentido norteador e comum de toda discussão. Quatro semanas de Projeto talvez não tenham sido suficientes diante da realidade de leitura as quais os alunos do 6º ano pertencem, mas sem sombra de dúvidas, foi o bastante para deixar uma marca em cada um deles, de que não sairão da superfície textual ao menos que desvendem as entrelinhas do texto, e para isso, algumas habilidades devem ser conquistadas, enquanto outras reconhecidas e aprimoradas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **Interpretar e Compreender**. Folha de São Paulo, 2004. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u814shtml>. Acesso em: 09 junho 2019.

BAKHTIN, Michail (Volochnov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. 24ª reimpressão.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine e MICHELETTI, Guaraciaba. **Teoria e prática da leitura**. In: Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. 49 ed., São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Leitura e o Sentido do Texto**. São Paulo. Cortez Editora, 2002.

NUNES, Q, S, F, C.; OLIVEIRA, P, E. **Leitura do texto literário no 8º ano: uma proposta didática para promoção do letramento literário**. Nazaré da Mata: Programa de pós-graduação em Letras Mestrado Profissional em Letras, 2018. Disponível: <<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/FMfcgxwBTjwWbtNdmDwmrBkvkKnLKvCR?projector=1&messagePartId=0.2>> Acesso em: 28 de janeiro de 2019.

SANTOS, Josiane Soares. O lúdico na Educação Infantil. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 4, 2012. Anais... Campina Grande: realize editora, 2012. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ludico.pdf>> Acesso: 05 de julho de 2019.